



Opinião Econômica

Michael França

Ciclista, vencedor do Prêmio Jabuti Acadêmico, economista pela USP e pesquisador do Insper. Foi visiting scholar nas universidades da Columbia e Stanford



O que fazer com os penduricalhos dos juízes?

O difícil dilema de investir mais no povo ou na casa de praia da elite do Judiciário

Penduricalho é um termo informal. Refere-se a um conjunto de benefícios, indenizações e gratificações que se somam ao salário do funcionalismo. Em vários casos, o salário final ultrapassa com folga o limite previsto com valores que chamam a atenção até no Brasil, país tão acostumado a conviver com privilégios institucionais.

Então, surge a questão: o que fazer com os recursos dos penduricalhos? O que fazer ao invés de torrar, por exemplo, cerca de R\$ 10 bilhões (segundo nota técnica do Movimento Pessoas à Frente) com supersalários para a elite do Judiciário?

Para entender a ordem de grandeza do atual desrespeito à

Constituição, vale fazer algumas contas. Poderíamos destinar o montante diretamente aos professores da rede pública de educação básica. Seria uma tentativa de enfrentar o baixo prestígio da profissão no país, que figura entre os últimos do mundo em valorização docente.

Seriam cerca de R\$ 5.400 por ano para cada professor. Embora não resolva a vida, é um valor que ajuda a dar entrada em um carro popular, depois de anos de trabalho. Ou podemos continuar gastando acima do teto com juízes, para eles comprarem carros de luxo.

O montante equivale também a cerca de R\$ 270 por ano para

cada um dos 37 milhões de alunos da educação básica pública. Com esse valor, seria possível financiar algumas visitas educativas para cada aluno, permitindo que conheçam marcos importantes de suas cidades e conectem o que aprendem na escola aos sistemas sociais e aos biomas locais.

É o custo do aluguel do ônibus, da hora dos motoristas e da alimentação das crianças. Ou podemos continuar a bancar passagens de classe executiva para as viagens internacionais dos juízes do país.

Outra forma de olhar é dividir os R\$ 10 bilhões entre os municípios brasileiros. Cada um receberia cerca de R\$ 1,8 milhão. A cada

três anos, seriam mais de R\$ 5 milhões para reformar uma praça ou criar melhores equipamentos públicos para as crianças brincarem. Parquinhos e quadras públicas, de todo mundo. Ou podemos continuar gastando com juízes que moram em condomínios com quadra, parquinho e piscina só para eles.

Ou, então, poderíamos pensar no futuro das crianças mais pobres de uma outra maneira. Se a economia dos penduricalhos fosse dividida entre os recém-nascidos dos 25% mais pobres e aplicada em títulos públicos, cada um teria cerca de R\$ 140 mil ao completar 30 anos para dar entrada na casa própria. Um casal chega-

ria a R\$ 280 mil, valor suficiente para comprar uma casa em muitas cidades pequenas do país. Ou podemos continuar a rasgar a Constituição.

Toda despesa carrega um custo de oportunidade. Cada real destinado a benefícios adicionais de um grupo deixa de financiar outra política. No Brasil, essa troca costuma ocorrer na forma de diversos privilégios que, somados ao longo do tempo, criam uma grande distorção.

E, ao final, tem-se o efeito distributivo. O País pode continuar destinando bilhões para complementar remunerações já elevadas no topo. Ou pode redirecionar parte desses recursos para ampliar oportunidades de milhões de crianças. Entre políticas de concentração e políticas de oportunidades, a escolha parece simples.


banrisul

Para contratar, acesse o aplicativo Banrisul >> Empréstimos >> Empréstimos Consignados ou procure sua agência.

SAC 0800 646 1515 Ouvidoria 0800 644 2200

* Sujeito a análise de crédito.

Novo presidente do Sulpetro quer intensificar comunicação com revendedores

/COMBUSTÍVEIS

Cláudio Isaías

isaiaasc@jcrs.com.br

A nova gestão do Sulpetro, sindicato que representa os postos de combustíveis no Rio Grande do Sul, terá como marca a intensificação da comunicação

entre o revendedor e o mercado, com o objetivo de garantir a sustentabilidade do setor e a transparência para o consumidor. A nova diretriz fará parte da administração do empresário Fabrício Severo Braz que toma posse como novo presidente do sindicato para a gestão 2026/2030. Braz assume nesta sexta-feira a presidência da instituição em substituição a João Carlos Dal'Aqua, que ocupou o cargo por oito anos.

A entidade que representa os postos de combustíveis conta com 1.162 associados no Rio Grande do Sul. "Será uma gestão focada na inovação, transparência e na defesa dos revendedores de combustíveis do Estado", comenta. Entre os principais desafios citados por Braz está a questão do biodiesel, a ameaça da concorrência desleal ligada ao crime organizado e a instabilidade na oferta de diesel devido a conflitos globais.

Sobre o abastecimento de diesel no Rio Grande do Sul, Braz comenta que segue ocorrendo de forma racionada, conforme re-

latos recebidos de revendedores das respectivas distribuidoras. A informação é de que a Petrobras não está liberando a quantidade de diesel solicitada pelas companhias. Além disso, com o período de safra em andamento, o consumo cresce, elevando a demanda pelo combustível e intensificando a necessidade de abastecimento. Já no caso da gasolina, o dirigente destaca que foi verificado um aumento desnecessário da procura, o que tem gerado filas, especialmente em alguns postos do interior do Estado.

O futuro dirigente do Sulpetro diz que a categoria possui uma preocupação com toda a cadeia do biodiesel. "Os postos de combustíveis como revenda são o último elo para o consumidor. E hoje, infelizmente, a gente se torna responsável por alguns problemas que o biodiesel causa nos veículos", comenta. Conforme Braz, a ideia do governo federal é a expansão do produto e o setor não é contra o aumento do biodiesel. "Porém, ao mesmo tempo os revendedores não querem ser os únicos responsáveis

por problemas que o biodiesel venha causar", acrescenta.

Outra questão que preocupa a nova gestão do Sulpetro está ligada à concorrência desleal no mercado de combustíveis. A referência é sobre a presença de organizações criminosas atuando no setor. O caso mais recente foi a presença do Primeiro Comando da Capital (PCC) atuando com a lavagem de dinheiro e ligações com fintechs. "A presença dessas organizações criminosas preocupa as vendas porque é uma

concorrência desleal", comenta.

Natural de Santana do Livramento, Braz ingressou no ramo varejista de combustíveis em 1998, quando iniciou sua trajetória no setor atuando na empresa do sogro, de forma concomitante à entrada na faculdade de Engenharia Civil. Com a expansão dos negócios ao longo dos anos, seguiu no segmento da revenda, administrando, ao lado da família, o Posto Premium, localizado em Porto Alegre, e o Posto Alfa, em Gramado.

TÂNIA MEINERZ/JC



Fabrício Braz ingressou no ramo varejista de combustíveis em 1998

Nova diretoria para a gestão 2026/2030

- ▶ **Presidente:** Fabrício Severo Braz
- ▶ **1º vice-presidente:** Eduardo Pianezzola
- ▶ **2º vice-presidente:** Ildo Buffon
- ▶ **3º vice-presidente:** Gilson Becker
- ▶ **4º vice-presidente:** Márcio Pereira
- ▶ **5º vice-presidente:** Claiton Luiz Tortelli
- ▶ **6º vice-presidente:** Luís Frederico Otten